

ESTUDO COMPARATIVO DE *PHILOMELA* 605-646 E *PHILOMENA* 1285-1339

Matheus TREVIZAM*

Resumo: Neste trabalho, propomos uma análise comparativa do texto da *Philomena*, composta no século XII d.C. pelo poeta medieval francês Chrétien de Troyes, e do trecho correspondente ao mesmo episódio mítico nas *Metamorfoses* de Ovídio (VI 605-646). De início, então, considerou-se a presença, a ordem de ocorrência, o tipo e a distribuição das partes da narrativa no interior das duas versões para, em seguida, propor diagrama descritivo do encadeamento da trama e finalmente, cotejar-lhes o “estilo”, ou modo de realização lingüística. Apesar do fato de que a versão medieval se possa definir como “tradução” da latina, as diferenças nos aspectos da estruturação da narrativa e do estilo conferem plena autonomia criativa a cada poeta.

Tanto quanto possível, numa tentativa de fazer os textos “falarem”, buscou-se restringir as análises a procedimentos de leitura direta, sem marcada recorrência à palavra de muitos críticos.

Palavras-chave: estruturação de narrativa; estilo; tradução criativa; *Philomela*; *Philomena*.

a) A estruturação da narrativa:

Em sua tradução dos eventos míticos tematizados por Ovídio em *Metamorfoses* VI 605-646 (relativos à vingança de Procne e Filomela contra o rei Tereu), o poeta medieval Chrétien de Troyes adotou procedimentos de adaptação da versão latina, nos quais há conformidade com as práticas culturais do período.¹

* Mestre e Doutor em Lingüística (Letras Clássicas/ Latim) pelo IEL-UNICAMP, professor de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Letras da UFMG; email: matheustrevizam2000@yahoo.com.br.

¹ Segundo lembrado por Fontes Jr. em citação literal de Nietzsche (*Humano, demasiado humano*), a filologia, compreendida como técnica de rigoroso tratamento dos textos, inclusive do ponto de vista do estabelecimento e fixação dos sentidos “corretos” em traduções, apenas se firmou cientificamente como a conhecemos a partir do século XIX (*apud* Sêneca. *Cartas consolatórias*. Trad. de Cleonice F. M. van Raij. Campinas: Pontes, 1992, p. 9-10: “A restauração e preservação dos textos, ao lado de sua explicação, praticada em uma corporação ao longo de séculos, permitiram enfim encontrar os métodos corretos; a Idade Média inteira foi profundamente incapaz de uma explicação rigorosamente filológica, isto é, do simples querer entender aquilo que o autor diz – foi alguma coisa encontrar esses métodos, não os subestimemos!”). Assim, não haveria como “culpar” anacronicamente os tradutores medievais pelo que considerariamos “falta de rigor”, acrescentando-se a isso sua natural necessidade de apropriar-se *criativamente* dos textos antigos.

Ocorre que não se tem nesse caso a adesão estrita ao texto ovidiano, contribuindo-se, assim, para a plena aclimação da herança antiga aos tempos subseqüentes.

De início, sobressai no cotejo entre ambas as versões do mito grego em questão o fato de que, apesar da conservação inalterada da fábula em um e outro caso (ou seja, com a presença comum do mesmo desenrolar básico da trama), há divergências no que se refere aos níveis estendido ou pontual da composição do texto. Em outras palavras, mantendo-se o tema essencialmente vinculado à estrutura do mito em Ovídio e em Chrétien, as diferenças de sua realização concreta no plano lingüístico determinam modos particulares de construção dos significados.

Parece-nos bastante ilustrativo, assim, que determinadas subdivisões de eventos (etapas)² compreendidas nesses versos nem sempre se equivalham rigorosamente nos critérios (a) da presença, (b) da ordem de ocorrência, (c) do tipo e (d) da distribuição de certas partes em seu interior.

Observamos, em relação ao primeiro critério (a), que Ovídio introduz uma espécie de preliminar para a apresentação do discurso inflamado de Procne: trata-se dos versos 605-611, em que Filomela, violentada e brutalmente mutilada por Tereu, chora e tenta comunicar-se sem palavras com a irmã a fim de explicar sua inocência em todo o ocorrido, causando-lhe um ódio implacável contra o vilão.³ Em Chrétien, por outro lado, os versos que antecedem imediatamente a primeira fala de Procne (1278-1284) nada têm de comum com a função da passagem ovidiana mencionada, prestando-se, ao invés disso, à apresentação da fuga de Procne e Filomela do cativo dessa última para a segurança do palácio real;⁴ isso significa, como se nota, que o primeiro discurso da rainha da Trácia é como que bruscamente introduzido na versão medieval, sem a apresentação imediata dos motivos que lhe justificam o teor e a ocorrência.

² Com o prosseguimento das análises ao longo deste parágrafo e dos quatro seguintes, esclarecer-se-ão a quais "etapas" de *Philomela/ Philomena* nos referimos em caráter exemplificador e, em absoluto, não exaustivo.

³ Cf. *Metamorfoses* VI 605-611: (...); *sed non attolere contra/ sustinet haec oculos, paelex sibi uisa sororis;/ deiectoque in humum uultu iurare uolenti/ testarique deos, per uim sibi dedecus illud/ illatum, pro uoce manus fuit. Ardet et iram/ non capit ipsa suam Progne fletumque sororis/ corripens "non est lacrimis hoc", inquit, "agendum (...)".* - "(...); mas ela não ousa erguer os olhos em resposta, julgando-se rival da irmã, e a mão valeu pela voz para quem queria jurar com o rosto baixado para o chão e tomar os deuses por testemunhas de que sofrera aquela desonra à força. Inflama-se Procne, ela mesma não contém sua ira e, preprendendo o choro da irmã, diz: 'Isto não é para lágrimas. Deve-se agir (...)'"

⁴ Cf. *Philomena* 1278-1284: *A tant s'an vont vers la cité/ Lor duel feissant andemantiers./ Ne tiennent voies ne santiers,/ Et Progné coiemant l'an mainne/ Jusqu'an une chambre soutainne/ Por feire lor duel coiemant./ N'i ot qu'eles dues solemant.* - "Alors elles s'en vont vers la ville/ tout en exprimant leur chagrin./ Elles évitent routes et sentiers,/ et Procné l'emène secrètement/ dans une chambre isolée/ pour assourvir en paix leur chagrin,/ seules toutes les deux" (trad. de O. Collet).

No tocante à variação da ordem dos eventos (b), a mais evidente diferença diz respeito ao fato de que, enquanto Ovídio faz com que Procne titubeie diante do filho (chegando a sentir-se, por ora, movida a poupá-lo da morte em vingança pelos atos de Tereu) justamente antes de verbalizar os motivos que justificariam o assassinato,⁵ Chrétien inverte as ocorrências, antepondo essa fala à ponta de arrependimento.⁶ É importante ainda observar a esse respeito que, tendo os desejos de vingança contra Tereu sido inspirados pelo demônio na versão medieval,⁷ vêm alterar um quadro inicial em que Procne, apesar da revolta e das lágrimas diante da deplorável situação da irmã, ainda não se decidira sequer a tomar uma atitude contra o marido,⁸ limitando-se a confiar a justiça a Deus. Desse modo, diversamente do que havia no original latino, em que a mesma personagem se mostrava já de início irada ao extremo e pronta a tomar uma atitude radical para vingar-se do vilão (sem, contudo, saber como proceder a esse respeito),⁹ a Procne de Chrétien recebeu juntamente com a tentação de vingar-se a inspiração funesta sobre como proceder para levar seus planos adiante.

Nas duas únicas ocorrências de discursos em Chrétien neste trecho, por outro lado (c), nota-se que Procne fala à irmã (1286-1291)¹⁰ e a Ítis (1299-

⁵ Cf. *Metamorfoses* VI 624-628/ VI 631-635: *Vt tamen accessit natus matrique salutem/ attulit et paruis adduxit colla lacertis/ mixtaque blanditiis puerilibus oscula iunxit,/ mota quidem est genetrix infractaque constitit ira/ inuitique oculi lacrimis maduere coactis.* – “Contudo, quando o filho caminhou, saudou a mãe, puxou o colo com os bracinhos e juntou beijos misturados a carinhos pueris, a mãe de fato se comoveu e a ira enfraquecida se deteve, os olhos contrariados umedeceram-se com lágrimas constringidas.../ (...) : “*Cur admouet, inquit,/ alter blanditias, rapta silet altera lingua?/ Quam uocat hic matrem, cur non uocat illa sororem?/ Cui sis nupta uide, Pandione nata, marito;/ degeneras; scelus est pietas in coniuge Tereu.*” – (...) : “Por que um me acaricia e a outra se cala com a língua arrancada? A que ele chama de mãe, por que ela não chama de irmã? Considera, filha de Pândion, com que marido te casaste; rebaixas-te; é crime a lealdade para com um marido como Tereu.”

⁶ Cf. *Philomena* 1301-1302/ 1312-1319: *Morir t'estuet de mor amere/ Por la felenie ton pere.* – “Il te faut mourir d'une mort cruelle/ à cause de la félonie de ton père./ *Tant la beisa et conjoï/ Que Progné deüst estre ostee/ Del panser ou ele iert antree/ Si con requiert droiz et nature/ De tote humaine creature/ Et si con pitiez le deffant,/ Que mere ne doit son enfant/ Ne ocire ne desmanbrer.* – “Il lui a fait de tels embrassades, l'a tant cajolée,/ que Procné aurait dû être arrachée/ à la pensée qui lui était née,/ comme l'exige la loi naturelle/ de toute créature humaine/ et comme l'enjoint la pitié,/ car une mère ne doit pas tuer/ ni démembrer son enfant” (trad. de O. Collet).

⁷ Cf. *Philomena* 1296-1298: *La mere voit son fil venir/ Et dit an bas une mervoille/ Si con deables li consoille.* – “La mere voit venir son fils,/ elle dit tout bas une monstruosité,/ à l'incitation du diable” (trad. de O. Collet).

⁸ Referimo-nos, aqui, ao rei Tereu da Trácia.

⁹ Cf. *Metamorfoses* VI 618-619: “(...) *Magnum quodcumque parauit./ Quid sit, adhuc dubito (...).*” - “(...) *Preparei algo grande: o que é, ainda hesito.*”

¹⁰ Cf. *Philomena* 1286-1291: “*Suer, fet ele, mout sui dolante/ Quant si afolee vos truis,/ Ne vangier ne vos sait ne puis/ Del felon qui ce vos a fet./ Deus doint que tel loïier an et/ Come a sa felenie avient.*” – “Ma soeur, fait-elle, que je suis affligée/ de vous trouver ainsi blessée,/ et je ne sais ni ne puis vous venger/ du félon qui vous a fait cela./ Que Dieu lui accorde le salaire/ que mérite sa félonie” (trad. de O. Collet).

1309),¹¹ como que lhes oferecendo explicações pelos motivos de suas atitudes diante da crise em que se encontra: no primeiro caso, ainda isenta da influência demoníaca, diz não saber nem poder vingar-se, atribuindo a Deus o fazer a justiça; no segundo, sentindo-se preparada para agir de um modo bem específico (assassinando Ítis para oferecer sua carne ao pai), é ao filho que se dirige a fim de explicitar os motivos de sua atitude. O mesmo, observamos, não se dava em Ovídio: havia ao todo três falas dessa personagem, ocorrendo que a primeira delas se voltava a Filomela (611-619),¹² a segunda, breve (621-622), a Ítis¹³ e a terceira, algo maior (631-635), provavelmente a si mesma.¹⁴ Ainda, pode-se dizer que apenas a breve fala a Ítis e a terceira poderiam ser compreendidas com a função justificativa exclusivamente adotada por Chrétien, já que a primeira delas corresponde antes a uma exortação à vingança (bem como à promessa de aniquilação de Tereu).

No tocante ao último dos critérios organizacionais¹⁵ citados (d), observemos, por fim, que, enquanto há na versão medieval a explicitação adiantada do tipo de suplício a que Ítis será submetido (revelado por Procne em v. 1309),¹⁶ é preciso esperar pelo momento do próprio ato para que nos informemos a respeito em Ovídio (v. 641-643).¹⁷ Isso significa, em relação aos

¹¹ Cf. *Philomena* 1299-1309: “Ha, fet ele, chose sanblable/ Au traïtor, au vil déable!/ Morir t'estuet de mort amere/ Por la felenie ton pere./ Sa felenie conparras./ Por son forfet a tort morras/ Qui ne l'as mie desservi./ Fors solemant qu'onques ne vi/ Ne Deus ne fist mien esciant/ Chose a autre miauz ressanblant./ Et por ce te vuel descoler”. – “Ah! Fait-elle, créature à la ressemblance/ du traître, du vil démon!/ Il te faut mourir d'une mort cruelle/ à cause de la félonie de ton père./ Tu expieras sa félonie,/ tu mourras injustement pour son crime/ sans l'avoir mérité./ sauf que je n'ai jamais vu/ et que Dieu n'a jamais fait à mon avis/ de créatures qui se ressemblent autant./ et pour cela, je te couperai la tête” (trad. de O. Collet).

¹² Cf. *Metamorfoses* VI 611-619: (...) “*Non est lacrimis hoc*”, inquit, “*agendum, sed ferro, sed siquid habes, quod uincere ferrum possit. In omne nefas ego me, germana, paravi: aut ego, cum facibus regalia tecta cremabo, artificem mediis inmittam Terea flammis, aut linguam aut oculos et quae tibi membra pudorem abstulerunt, ferro rapiam, aut per uulnera mille/ sntem animam expellam. Magnum quodcumque paravi: quid sit; adhuc dubito*”. (...) – “Isto não é para lágrimas. Deve-se agir, mas com ferro, ou, se o tens, com algo que possa vencer o ferro. Preparei-me, irmã, para todo crime: quando queimar os tetos reais com tochas, lançarei o hábil Tereu em meio às chamas, ou a língua, os olhos e os membros que te roubaram o pudor extirparei com ferro, ou por mil feridas arrebaterei a vida criminosa. Preparei algo grande: o que é, ainda hesito”.

¹³ Cf. *Metamorfoses* VI 621-622: “(...) *A, quam/ es similis patri!* (...)” – “Ah! Como te pareces com teu pai!”.

¹⁴ Cf. *supra* segunda parte da nota 5.

¹⁵ Cf. *supra* itens “a”, “b”, “c” e “d” na segunda página deste texto.

¹⁶ Cf. *Philomena* 1309: “*Et por ce te vuel descoler*”. – “Et pour cela, je te couperai la tête” (trad. de O. Collet).

¹⁷ Cf. *Metamorfoses* VI 641-643: *Ense ferit Progne, lateri qua pectus adhaeret, nec uultum uertit; satis illi ad fata uel unum/ uulnus erat: iugulum ferro Philomela resoluit*. – “Procne fere-o com uma espada sem virar o rosto onde o peito se junta ao flanco; uma só ferida era o bastante para seu fim, mas Filomela cortou-lhe o colo com ferro”.

traços seqüenciais de toda a passagem no original latino, que tal informação, omitida até o fim naquele contexto, passa, em Chrétien, a integrar o conteúdo de uma subdivisão anterior à do desfecho.

Propomos, a seguir, dois diagramas ilustrativos do desenrolar dos eventos nos versos de ambos os autores considerados, de modo que o eixo vertical deve ser interpretado em referência às alterações de estado interno de Procne (espécie de desencadeador dos fatos)¹⁸ e o horizontal às sucessivas etapas básicas de construção da narrativa:¹⁹

1)

	a	b	c	d	e	f
////						x
///			x		x	
''		x				
'				x		

2)

	a	b	c	d	e	f
////						x
///		x	x		x	
''	x			x		

No intervalo considerado da *Philomela* ovidiana (1), com efeito, parecemos que se tem a divisão do todo em seis grandes partes, relativas respectivamente às preliminares do discurso inicial de Procne (v. 605-611), a esse discurso (v. 611-619), à chegada de Ítis com suas primeiras conseqüências (v. 619-623), à hesitação momentânea dessa personagem diante do filho (v. 624-630), ao restabelecimento do propósito de vingança (v. 630-635) e ao desfecho correspondente ao assassinato e ao preparo do corpo (636-646).²⁰

¹⁸ A indicação dos vários momentos pelos quais passa Procne e, indiretamente, dos estados de espírito por ela experimentados nos dois autores como conseqüência das vicissitudes externas estão discriminados para Ovídio e Chrétien nos dois parágrafos que se seguem sem pausa aos diagramas.

¹⁹ Cf. explicações ao final dos dois parágrafos imediatamente transcritos após os diagramas.

²⁰ Cf. *Metamorfoses* VI 605-646: *Amplexumque petit; sed non attollere contra/ sustinet haec oculos paelex sibi uisa sororis;/ deiectoque in humum uultu iurare uolenti/ testarique deos, per uim sibi dedecus illud/ illatum, pro uoce manus fuit. Ardet et iram/ non capit ipsa suam Progne fletumque sororis (610)/ corripens: "Non est lacrimis hoc", inquit, "agendum,/ sed ferro, sed siquid habes, quod uincere ferrum/ possit. In omne nefas ego me, germana, parau;/ aut ego, cum facibus regalia tecta cremabo,/ artificem mediis inmittam Terea flammis, (615)/ aut linguam aut oculos et quae tibi membra pudorem/ abstulerunt, ferro*

Os pontos sucessivos da coluna à esquerda se referem, do menor para o maior, à disposição interna de Procne para desistir da vingança, ao desejo de vingar-se sem ter em mente a maneira, ao desejo de vingar-se tendo Ítis como alvo indireto da ação e, por fim, à plena realização do ato.

Nos versos da *Philomena* de C. de Troyes, por outro lado (2), também se contam ao todo seis subdivisões da narrativa, correspondendo a primeira delas à fala inicial de Procne (v. 1285-1291), a segunda à entrada de Ítis e à dupla inspiração demoníaca (1292-1298), a terceira à fala dessa personagem ao filho (v. 1299-1309), a quarta à sua hesitação (v. 1310-1319), a quinta ao

rapiam, aut per uulnera mille/ sontem animam expellam. Magnum quodcumque parauit;/ quid sit, adhuc dubito". Peragit dum talia Progne,/ ad matrem ueniebat Itys; quid possit, ab illo (620)/ admonita est; oculisque tuens immitibus: "A, quam/ es similis patri!", dixit. Nec plura locuta/ triste parat facinus tacitaeque exaestuatur ira./ Vt tamen accessit natus matricum salutem/ attulit et paruis adduxit colla lacertis (625)/ mixtaque blanditiis puerilibus oscula iunxit;/ mota quidem est genitrix, infractaque constitit ira/ inuitique oculi lacrimis maduere coactis;/ sed simul ex nimia matrem pietate labare/ sensit, ab hoc iterum est ad uultus uersa sororis; (630)/ inque uicem spectans ambos: "Cur admouet", inquit, "alter blanditias, rapta silet altera lingua?/ Quam uocat hic matrem, cur non uocat illa sororem?/ Cui sis nupta, uide, Pandione nata, marito;/ degeneras; scelus est pietas in coniuge Tereo". (635)/ Nec mora, traxit Ityn, ueluti Gangetica ceruae/ lactentem fetum per siluas tigris opacas;/ utque domus altae partem tenuere remotam,/ tendentemque manus et iam sua fata uidentem/ et "mater! mater!" clamantem et colla petentem (640)/ ense ferit Progne, lateri qua pectus adhaeret,/ nec uultum uertit. Satis illi ad fata uel unum/ uulnus erat: iugulum ferro Philomela resoluit;/ uiuaque adhuc animaeque aliquid retinentia membra/ dilaniant; pars inde cauis exsultat aenis, (645)/ pars ueribus stridunt; manant penetralia tabo. — "E pede um abraço; mas ela não ousa erguer os olhos em resposta, julgando-se rival da irmã, e a mão valeu pela voz para quem queria jurar com o rosto baixado para o chão e tomar os deuses por testemunhas de que sofrera aquela desonra à força. Inflamase Procne, ela mesma não contém sua ira e, repreendendo o choro da irmã, diz: 'Isto não é para lágrimas. Deve-se agir, mas com ferro, ou, se o tens, com algo que possa vencer o ferro. Preparei-me, irmã, para todo crime: quando queimar os tetos reais com tochas, lançarei o hábil Tereu em meio às chamas, ou a língua, os olhos e os membros que te roubaram o pudor extirparei com ferro, ou por mil feridas arrebatarei a vida criminosa. Preparei algo grande: o que é, ainda hesito'. Enquanto Procne fala assim, Ítis vinha à mãe: teve idéias a respeito do que fazer ao vê-lo e, observando com olhos cruéis, disse: 'Ah! Como te pareces com teu pai!' Sem falar mais, prepara um crime nefasto e arde em ira silenciosa. Contudo, quando o filho caminhou, saudou a mãe, puxou o colo com os bracinhos e juntou beijos misturados a carinhos pueris, a mãe de fato se comoveu e a ira enfraquecida se deteve, os olhos contrariados umedeceram-se com lágrimas estrangidas... Mas, logo que sentiu que, como mãe, hesitava por afeto excessivo, novamente se voltou dele para o rosto da irmã e, observando ambos a seu tempo, disse: 'Por que um me acarícia e a outra se cala com a língua arrancada? A que ele chama de mãe, por que ela não chama de irmã? Considera, filha de Pândion, com que marido te casaste. Rebaixas-te. É crime a lealdade para com um marido como Tereu'. Arrastou Ítis sem demora, como a tigresa do Ganges o filhote lactente da corça pelas matas escuras, e quando alcançaram uma parte remota da casa profunda, Procne fere com uma espada sem virar o rosto o que estende as mãos, já compreende seu destino, chama 'mãe, mãe' e busca-lhe o colo, onde o peito se junta ao flanco; uma só ferida era o bastante para seu fim, mas Filomela cortou-lhe o colo com ferro; dilaceram os membros ainda vivos e mantendo algo do espírito: parte deles salta para fundos caldeirões de bronze, estalam parte em espetos; as entranhas manam sangue".

retorno das disposições vingativas (1320-1327) e a sexta ao desfecho (v. 1328-1339). Nesse caso, os pontos da coluna à esquerda indicam, em ordem crescente, as disposições alheias ao desejo de vingança, o desejo de vingar-se acompanhado da clara idéia de como fazê-lo e a coragem para tudo concluir.²¹

²¹ Cf. *Philomena* 1285-1339: *Et Progné plore et se demante*: (1285)/ "Suer, fet ele, mout sui dolante/ Quant si afolee vos truis./ Ne vangier ne vos sai ne puis/ Del felon qui ce vos a fet./ Deus doint que tel loïier an et (1290)/ Come a sa felenie avient"./ A tant ses fiz devant li vint/ Qui biaux estoit a desmesure./ Si l'amena mesaventure/ Que li estoit a avenir. (1295)/ La mere voit son fil venir/ et dit an bas une mervoille/ Si con deables li consoille./ "Ha, fet ele, chose sanblable/ Au traïtor, au vil déable! (1300)/ Morir t'estuet de mort amere/ Por la felenie ton pere./ Sa felenie conparras./ Por son forfet a tort morras/ Qui ne l'as mie desservi, (1305)/ Fors solemant qu'onques ne vi/ Ne Deus ne fist mien esciant/ Chose a autre miauz ressanblant./ Et por ce te vuel descoler"./ Li anfes la cort acoler (1310)/ Qui de tot ce n'ot rien oï./ Tant la beisa et conjoï/ Que Progné deüst estre oostee/ Del panser ou ele iert antree/ Si con requiert droiz et nature (1315)/ De tote humaine creature/ Et si con pitiez le defant./ Que mere ne doit son enfant/ Ne ocire ne desmanbrer./ Mes quant li prist a remanbrer (1320)/ Del traïtor, del parjuré./ N'a pas l'enfant asseüré./ Ainz dist que comant qu'il an chiee./ Il avra la teste tranchiee./ S'an donra son pere a mangier. (1325)/ Einsy puet sa seror vangier/ Del felon qui l'a afolee/ Si con la tenoit acolee/ Li petiz anfes par chierté./ Par deablie et par fierté, (1330)/ Que deables li amoneste./ A l'enfant copee a la teste./ Si l'a Philomena bailliee./ Puis ont la char apareilliee/ Antr'eles deus mout bien et tost. (1335)/ Partie an mirent cuire an rost/ Et an esseu l'autre partie./ Quant la chars fu cuite et rostie./ Si fu de mangier tans et ore./ Progné tarde mout et demore (1340)/ Que tote et sa volanté faite./ Au roi qui de rien ne se gueïte/ Vient, si li prie et le semont/ Que de la rien an tot le mont/ Qu'ele cuide que il plus aint (1345)/ Vaingne mangier et si n'amaint/ Ne conpaingnon ne escuier./ Mes que li ne doie enuïier./ Car ja n'i avra que aus deus: (...). – "Procné pleure et se lamente: 'Ma soeur, fait elle, que je suis affligée/ de vous trouver ainsi blessée./ et je ne sais ni ne puis vous venger/ du félon qui vous a fait cela. Que Dieu lui accorde le salaire/ que mérite sa félonie!'/ À ce moment survint auprès d'elle son fils/ qui était extraordinairement beau./ c'est le malheur qui lui était destiné/ qui l'a conduit./ La mère voit venir son fils./ elle dit tout bas une monstruosité./ à l'incitation du diable. 'Ah! fait-elle, créature à la ressemblance/ du traître, du vil démon! Il te faut mourir d'une mort cruelle/ à cause de la félonie de ton père./ Tu expieras sa félonie./ tu mouras injustement pour son crime/ sans l'avoir mérité./ sauf que je n'ai jamais vu/ et que Dieu n'a jamais fait à mon avis/ de créatures qui se ressemblent autant./ et por cela, je te couperai la tête'./ L'enfant, qui n'avait rien entendu de tout cela/ court l'embrasser./ Il lui a fait de telles embrassades, l'a tant cajolée./ à la pensée qui lui était née./ comme l'exige la loi naturelle/ de toute créature humaine/ et comme l'enjoint la pitié./ car une mère ne doit pas tuer/ ni démembrer son enfant./ Mais quand elle se mit à songer/ au traître, au parjure./ elle n'a plus répondu de l'enfant./ mais elle dit qu'advienne que pourra./ il aura la tête tranchée./ et elle offrira à son père un repas de sa chair. Ainsi peut-elle venger sa soeur/ du félon qui l'a mutilée./ Tandis que le petit enfant/ la tenait affectueusement embrassée./ par la malignité et la barbarie/ auxquelles le diable l'incite./ elle lui a coupée la tête./ Elle l'a donnée à Philomèle./ puis toutes deux bien vite/ ont apprêté le corps./ Elle en ont faire rôtir une partie/ et boullir l'autre./ Quand la chair fut cuite et rôtie./ l'heure était venue de manger./ Procné est très impatiente/ d'exécuter son dessein./ Elle vient au roi qui ne se méfie de rien/ et elle le prie instamment/ de venir manger ce qu'il aime./ à ce qu'elle croit, le plus au monde./ sans amener/ ni compagnon ni écuyer./ qu'il ne se formalise pas:/ il n'y aura qu'eux deux; (...)" (trad. de O. Collet).

Ora, a leitura dos pontos do diagrama pode informar-nos, quanto à macro-estruturação dos textos, de que há alguma discordância entre ambos: além da já comentada introdução direta da fala inicial de Procne, Chrétien desenvolve sob a forma de uma fala longa (c) um mero fragmento de discurso direto contido na terceira etapa da narrativa ovidiana (v. 621-622) e, fundindo num mesmo momento o surgimento do desejo de vingança e da idéia favorável à sua realização (b), elimina uma “modulação de espírito” intermediária da caracterização da personagem citada. A respeito desse último ponto, devemos lembrar que Procne, em Ovídio, embora desde o início inclinada à realização dos mais funestos atos para vingar-se de Tereu (b), apenas se decidiu a respeito de como o faria depois de encontrar-se com Ítis, o que significa que com o tempo avançou um passo a mais, em comparação com sua correlata medieval, em direção ao gesto de assassinar o próprio filho.

Além disso, é curioso notar a relativa manutenção de uma espécie de simetria construtiva²² em ambos os casos, com a “recaída” das Procnes (identificada com o gesto de recuo momentâneo do desejo de vingança causado pelo amor materno) sempre na antepenúltima posição e a presença de um padrão similar de “vales” e “picos”. Quanto às diferenças, deve-se dizer que, tratando-se a primeira subdivisão do intervalo ovidiano de uma espécie de catalisador da narrativa (já que a vista da irmã e de suas lágrimas será a causa da súbita entrega de Procne à ira), não há, a rigor, estados de espírito fixos especificamente associáveis à rainha nesse momento: isso justifica a ausência de qualquer ponto na etapa correspondente do diagrama e seu contraste com a passagem inicial em Chrétien, onde Procne, por assim dizer, começa “resignada”.

Entre as partes “b” e “c” da passagem medieval, acrescentamos, produz-se a contínua estabilização do estado de espírito de Procne em razão, como dissemos, do fato de que Chrétien desdobra sob a forma de um discurso as poucas palavras anteriores ditas por ela na irrupção de Ítis (em Ovídio), de modo que, sempre disposta a matá-lo para vingar-se, não se modifica internamente. Naquele caso, porém, identificando-se essa fala com uma espécie de súbita tomada de consciência a respeito dos caminhos possíveis para vingar-se e ocorrendo, em seguida, a imediata comoção da mãe diante das calorosas manifestações de afeto de Ítis, produzia-se como que o abrupto enfraquecimento de Procne.

Como último comentário sobre os aspectos gerais de construção da narrativa, antes de passarmos à análise detalhada de partes dos textos desses

²² Os “desenhos” formados pelos pontos dos diagramas traçados antes confirmam-nos claramente a idéia da simetria entre ambas as versões do mito grego de Filomela. Ela se dá, por sinal, através da confluência aproximadamente comum entre os eixos verticais e horizontais do relato ovidiano e medieval, com a diferença essencial de que esta versão não conta com uma etapa básica da narrativa (o desejo indefinido de vingança) e de que, nela mesma, tende-se a conservar maior estabilidade no “passo” da determinação precisa à desforra.

autores, observemos que a apresentação mais constante das mesmas disposições de ânimo pela Procne medieval configura uma certa previsibilidade de seu caráter: assim, verifica-se que, “fora de si”, tende sempre a desejar vingar-se de Tereu assassinando Ítis (caso dos estados “b”, “c” e “e”) e, “em sã consciência”, a desistir da violência (caso de “a” e “d”). É curioso ainda notar que, tendo ela se inclinado ao assassinato do filho em três ocasiões antes de pôr o gesto em prática, o resultado desses eventos, sem deixar de ser chocante, assume certa característica de concretização de algo aguardado.

A versão ovidiana, por sua vez, nuançava algo mais esse aspecto da narrativa: embora a mesma personagem planejasse a ruína completa do inimigo (Tereu) desde sua impetuosa irrupção na passagem, não se pode deixar de notar que, como dissemos, decidindo em seguida voltar-se para o próprio filho como instrumento de seus terríveis objetivos e, por fim, concretizando a vingança, de certa forma projetou-se aos poucos na escala da desumanidade. Além disso, não tendo ela jamais desejado “confiar a Deus” a resolução da gravíssima contenda e enfraquecendo-se por instantes por amor de Ítis, encontrou-se num estado jamais experimentado antes. O caráter abrupto dessa “queda” de ânimo, como ilustrado no diagrama, poderia também ser exemplificado nos versos latinos por suas lágrimas (v. 628) e pelo completo silenciamento: essa corresponde, por sinal, à única subdivisão da narrativa (excetuada a introdutória, toda ela centrada na figura de uma Filomela incapacitada para a fala, como é sabido) em que nada se diz.

b) Comentário estilístico:

De início, é importante ressaltar as profundas diferenças de estruturação e realização lingüística dos textos em ambos os casos considerados: enquanto Ovídio, inserindo-se numa tradição métrica e formal que remonta à épica homérica, preferiu os hexâmetros datílicos²³ para dar corpo à narrativa do mito em questão, Chrétien utiliza recursos compositivos²⁴ oriundos da própria época

²³ Metro típico da arte clássica e associável à épica desde Homero, o hexâmetro datílico é composto por seis pés métricos, sendo os quatro primeiros obrigatoriamente dátilos (longa, breve, breve) ou espondeus (longa, longa), o quinto dátilo e o sexto troqueu (longa, breve) ou espondeu (cf. Ravizza, João. *Gramática latina*. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1956, p. 420).

²⁴ Do ponto de vista métrico, por exemplo, o cotejo entre os octossílabos pareados de Chrétien e os hexâmetros de Ovídio já nos permite exemplificar a que nos referimos ao falar de “recursos compositivos” tipicamente medievais no primeiro caso. Afinal, comparando, a expansão antiga dos versos por seis *pés* (não *sílabas*) permitia alongar muito seu tamanho; por outro lado, a completa ausência da rima na poesia antiga (ao contrário do que se dá na Idade Média e no próprio texto de Chrétien aqui exemplificado) fazia-a concentrar a expressividade rítmica na regular alternância entre vogais longas e breves. Por sinal, o desaparecimento da duração como traço fonologicamente distintivo já na passagem do latim literário para o vulgar tornara necessário buscar outras maneiras de atribuir musicalidade à poesia (cf. Bassetto, Bruno Fregni. *Filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2005, p. 92).

medieval. Referimo-nos, evidentemente, aos versos octossílabos pareados, diretamente associáveis naquele contexto a um universo literário da importância dos romances de cavalaria;²⁵ o poeta francês, por sinal, corresponde a uma das mais expressivas vozes da produção romanesca do período,²⁶ de modo que, no contato com a herança das letras latinas, adapta-as com liberdade aos usos de sua época.

A adoção dos hexâmetros por Ovídio, devemos dizer, não corresponde a algo desprovido de importância para os efeitos de sentido da passagem de que aqui tratamos. Como se sabe, a poética antiga distribuía as obras num espectro graduado de conformação formal e conteudística: assim, considerando o universo poético, partia-se dos baixos níveis representativos (como os da comédia e da poesia jâmbica, zona de tratamento “prosaico” dos vícios humanos) para os mais elevados (“espaço” associável à tragédia e à epopéia, com sua característica visão de mundo sob a ótica da grandeza).²⁷ Portanto, a união nos versos das *Metamorfoses* de traços formais como o tipo métrico escolhido e os símiles (ambos vinculados à dicção épica elevada), bem como, eventualmente, a abertura temática para a incorporação das vicissitudes dos grandes na guerra e no confronto com os deuses (o próprio Tereu se insere no início da narrativa do mito de que nos ocupamos sob a figura de um líder militar de valor) contribuem para conferir certa aura “dignificante” ao texto de que nos ocupamos.

Quanto aos mesmos fatores no texto de Chrétien, há que se notar o decisivo afastamento de quaisquer patamares representativos diretamente associáveis à épica no domínio antigo ou medieval.²⁸ Como se sabe, o universo

²⁵ Para uma descrição sucinta do universo criativo romanesco, com o qual tangencia a *Philomena* de Chrétien, cf. palavras de Saulnier (Saulnier, V.-L. *La littérature française du moyen âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964, p. 47): *Le roman naît vers 1150, sous trois influences rectrices. L'influence de l'épopée: de la chanson de geste, le roman garde l'itinéraire aventureux et la notion capitale de la prouesse, mais en les utilisant à sa façon. Ensuite, l'influence courtoise, d'origine provençale, ressentie à travers les autres genres littéraires (épiques ou lyriques), qui l'orientent vers l'amour. Enfin, la vie de cour invite le poète à écrire désormais non plus pour le vaste public des carrefours, mais pour des cercles distingués auxquels il fera lecture. Aristocratique, la littérature soigne sa manière. L'octosyllabe à rime plate remplace le long vers en laisse monorimes. Et féministe, puisque la dame règne, le roman met la Dame au chef de son blason.*

²⁶ Cf. Saulnier, *op. cit.*, p. 50: *Le roi Arthur et les chevaliers de la Table Ronde sont les héros familiers de Chrétien de Troyes, notre premier grand romancier. Vers 1160, il commence à écrire. Ses premières œuvres sont des adaptations d'Ovide (“Art d'aimer”, “Commandements d'Ovide”, “Philomena”). Cf. ainda Zink, Michel. *La littérature française du moyen âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992, p. 147: *Enfin, Chrétien ne se distingue pas seulement par l'orientation nouvelle qu'il donne au roman, mais aussi par un ton, un style, un type de narration qui ne sont qu'à lui.**

²⁷ Para uma preceituação acurada dos gêneros poéticos antigos, consulte-se sobretudo a *Epístola aos Pisões (Arte poética)* de Horácio.

²⁸ Para o tratamento da épica medieval (com obras como a *Canção de Rolando* – fins do séc. XI d.C.), cf. Saulnier, *op. cit.*, p. 33-36.

romanesco, de que poderíamos aproximar a passagem da *Philomena* aqui considerada em seus aspectos de forma e conteúdos (já que, além do supracitado compartilhamento dos octossílabos, ambas as produções privilegiam temáticas de aventura e amor)²⁹ e constituído sob a marca de características particulares, veio a definir-se, apesar de permeável a influências externas variadas, enquanto universo criativo *sui generis*, sem paralelos próximos em outros modelos compositivos.

Interessa-nos ainda, no contato com os procedimentos gerais de escrita adotados por Chrétien, destacar a adaptabilidade da forma métrica escolhida à construção agilizada da narrativa: trata-se de um modo compositivo favorecedor da dinamização dos dizeres pela própria extensão reduzida das unidades rítmicas identificadas com os versos e pela presença sempre variada das rimas a cada par, de maneira a se evitarem a monotonia e a compassada solenidade dos hexâmetros.

Passaremos, feitas essas observações, à comparação detalhada dos aspectos construtivos encontrados em dois discursos de Procne na versão medieval e na ovidiana. O primeiro deles, associável nesses casos aos posicionamentos da personagem logo após sua chegada com Filomela ao palácio, é bastante ilustrativo, além dos recursos formais mobilizados por um e outro poeta para compô-lo, de divergências relativas aos traços pessoais dessa personagem:

(...): “*Non est lacrimis hoc*”, inquit, “*agendum, sed ferro, sed siquid habes, quod uincere ferrum possit. In omne nefas ego me, germana, parau; aut ego, cum facibus regalia tecta cremabo, artificem mediis inmittam Terea flammis,* 615
aut linguam aut oculos et quae tibi membra pudorem abstulerunt, ferro rapiam aut per uulnera mille sontem animam expellam. Magnum quodcumque parau; quid sit, adhuc dubito” (...).³⁰

“Isto não é para lágrimas. Deve-se agir, mas com ferro, ou, se o tens, com algo que possa vencer o ferro. Preparei-me, irmã, para todo crime: quando queimar os tetos reais com tochas, lançarei o hábil Tereu em meio às chamas, ou a língua, os olhos e os membros que te roubaram o pudor extirparei com ferro, ou por mil feridas arrebaterei a vida criminosa. Preparei algo grande: o que é, ainda hesito”.

Et Progné plore et se demante: 1285
sui dolante

“Suer, fet ele, mout

²⁹ Cf. *supra* nota 25.

³⁰ Cf. Ovide. *Les Métamorphoses*. Texte ét. et trad. par G. Lafaye. Paris: “Les Belles Lettres”, 1955. Tome II.

*Quant si afolee vos truis,
Ne vangier ne vos sai ne puis
Del felon qui ce vos a fait
Deus doint que tel loïier an fet 1290
Come a sa felenie avient.*

“Procné pleure et se lamente:
‘Ma soeur, fait-elle, que je suis affligée
de vous trouver ainsi blessée,
et je ne sais ni ne puis vous venger
du félon qui vous a fait cela.
Que Dieu lui accorde le salaire
que mérite sa félonie!’”³¹

Além da ferocidade de Procne, sobressai na versão ovidiana do discurso inicial o caráter imagético: expressões muito concretas, evocativas de objetos provenientes do mundo material e, por vezes, facilmente associáveis aos sentidos (o ferro e sua dureza - v. 612-617 -, as tochas e as chamas com seu calor - v. 614-615 -, a língua, os olhos e os membros a serem decepados como paga pelo crime - v. 616 - e as “mil feridas” com que se intenta matar o vilão - v. 617), pontuam toda a passagem, em inequívoca indicação do estado de espírito em que ela se encontra. Ainda quanto ao fator visual, é interessante notar a sugestiva disposição das palavras no verso 615 (*mediis inmittam Terea flammis*), já que, em menção ao ato de atirar o vilão ao meio do fogo, o poeta, favorecido pela flexibilidade sintática da língua latina, pôde, virtualmente, realizar no plano lingüístico o desejo de Procne.

Além disso, parece conotador de um certo desarranjo mental da personagem o fato de que não só se exprima em termos tão violentos, mas, ainda, fale por uma seqüenciação inserida de forma entrecortada no andamento rítmico da passagem. Como se nota, no início e no final, o dito vem colocar-se em meio de verso, como se houvesse um desacordo posicional entre o que exprime e o meio formal (os hexâmetros) a que deve, por força, adaptar-se.

Também não se pode deixar de dizer que a repetição vocabular ou mais sutil, identificada com a retomada de idéias ou a centralização do discurso no “eu” da locutora, desempenha um importante papel para a construção poética dessa passagem ovidiana: no primeiro caso, a reiteração do vocábulo *ferrum* (*ferro, ferrum, ferro*) e do pronome pessoal *ego* (cujo uso é muito enfático em latim!) exemplifica a recorrência a uma espécie de reforço lexical de pontos significativos centrais. Quanto à presença de expressões variadas relativas à idéia da queima [*facibus* - v. 614 -, *cremabo* - v. 614 - e *mediis (...) flammis* - v. 615] e de muitos vocábulos gramaticalmente vinculados à primeira pessoa do singular (*ego, ego, me, parauí, cremabo, inmittam, rapiam, expellam e parauí*),

³¹ Chrétien de Troyes. *Romans*. Edição de C. de Boer, traduction d'Olivier Collet. Paris: La Pochothèque, 1994.

trata-se de evidentes atualizações no plano formal do peso a ser atribuído nesses versos a fatores semânticos como o forte envolvimento afetivo de Procne com o ocorrido e o ímpeto.

A breve passagem de Chrétien, por sua vez, não recorre exatamente aos mesmos recursos e não se identifica com o mesmo plano experiencial retratado por Ovídio.³² De imediato, sobressai no confronto com o original latino a maior brevidade das palavras de Procne: sem espaço para verbalizar em imagens variadas um rancor que ainda não experimenta, ela se limita a chorar (em contraste com sua correlata antiga, disposta a agir e não às lágrimas) e a expor a Filomela as razões de sua passividade.

Poder-se-iam ainda apontar as repetições ou paralelismos como um princípio importante da tessitura compositiva do texto de Chrétien.³³ Nos versos transcritos, além da similitude sonora obtida pelas rimas, notamos a presença de mais dois pares de expressões, cuja função em seu interior tem relações com o estabelecimento de uma espécie de circularidade do discurso: referimo-nos a *ne (...) sail/ ne puis* e a *felon/ felenie*. A esse respeito, é interessante ainda notar a reiteração vocabular por praticamente todo o trecho considerado, ou seja, não apenas nesse pequeno discurso [*ses fiz (...) vint* - v. 1292/ *son fil venir* - v. 1296, *estoit* - v. 1293/ *estoit* - v. 1295, *deables* - v. 1298/ *deable* - v. 1300/ *deable* - v. 1330/ *deables* - v. 1331, *chose sanblable* - v. 1299/ *chose ressanblant* - v. 1308, *morrir* - v. 1301/ *mort* - v. 1301/ *morras* - v. 1304, *felenie* - v. 1302/ *felenie* - v. 1303/ *felon* - v. 1327, *anfes* - v. 1310/ *anfant* - v. 1318/ *anfant* - v. 1322/ *anfant* - v. 1332, *mangier* - v. 1325/ *mangier* - v. 1339, *partie* - v. 1336/ *partie* - v. 1337, *cuire an rost* - v. 1336/ *cuite et rostie* - v. 1338...].

Como impressão geral dessa fala de Filomela em Chrétien, por fim, é interessante notar o comedido e o maior equilíbrio expressivo, de um modo adequado ao uso da linguagem para comunicar raciocínios (e não uma explosão de rancor): por não saber nem poder vingar Filomela (causa), Procne deixará a Deus o papel de punir (conseqüência). Ela espera que essa paga, deve-se ainda dizer, seja *proporcional* ao tamanho do crime cometido, dando mostras de uma postura inicial antes afim à justiça do que à desmesura.

No segundo discurso a ser tratado aqui, Procne, já decidida a vingar-se assassinando o filho nas duas versões do texto, apresenta os motivos dessa escolha:

(...): “*Cur admouet*”, inquit,
“alter blanditias, rapta silet altera lingua?
Quam uocat hic matrem, cur non uocat illa sororem?
Cui sis nupta, uide, Pandione, nata, marito;
*Degeneras; scelus est pietas in coniuge Tereo”.*³⁴ 635

³² Cf. explicação no decorrer deste mesmo parágrafo.

³³ Cf. explicação no decorrer deste mesmo parágrafo.

³⁴ Cf. Ovide. *Les Métamorphoses*. Texte ét. et trad. par G. Lafaye. Paris: “Les Belles Lettres”, 1955. Tome II.

“Diz: ‘Por que um me acaricia e a outra se cala com a língua arrancada? A que ele chama de mãe, por que ela não chama de irmã? Considera, filha de Pândion, com que marido te casaste. Rebaixas-te. É crime a lealdade para com um esposo como Tereu”.

*“Ha, fet ele, chose sanblable
Au traïtor, au vil deable! 1300
Morir t’estuet de mort amere
Por la felenie ton pere.
Sa felenie conparras
Por son forfet a tort morras
Qui ne l’as mie desservi, 1305
Fors solemant qu’onques ne vi
Ne Deus ne fist mien esciant
Chose a autre miauz ressanblant,
Et por ce te vuel descoler”.*

“Ah! fait-elle, créature à la ressemblance
du traître, du vil démon!
Il te faut mourir d’une mort cruelle
À cause de la félonie de ton père.
Tu expieras sa félonie,
Tu mourras injustement pour son crime
sans l’avoir mérité,
sauf que je n’ai jamais vu
et que Dieu n’a jamais fait à mon avis
de créatures qui se ressemblent autant,
et pour cela, je te couperai la tête”.³⁵

O trecho ovidiano reveste-se de grande rendimento expressivo: baseando-se na contraposição cerrada entre o estado de Filomela (violentada e sem língua) e no de Ítis, que ainda conservava todo o viço da infância, encaminha-se, de um modo favorável ao retorno definitivo do rancor, para a firmeza dos terríveis propósitos de vingança. Parece-nos especialmente ilustrativa dessa face antagônica da passagem a presença da estruturação especular nos versos 632-633 (*alter/ altera, uocat hic matrem/ non uocat illa sororem*), de modo que, sempre, vemos de um lado a alegria da criança e, de outro, a desgraça da moça.

O desencadeamento desses versos, por sinal, também se encaminhará para a construção do pensamento sobre um par opositivo: como se sabe, os conceitos de *pietas* (“compromisso”, “empenho com a palavra dada”...) e *scelus* (“crime”) deveriam excluir-se mutuamente; afinal, tratando-se a *pietas* de um

³⁵ Chrétien de Troyes. *Romans*. Édition de C. de Boer, traduction d’Olivier Collet. Paris: La Pochothèque, 1994.

dos traços morais mais valorizados pelo homem romano, não haveria porque encontrarmos afinidades imediatas entre ambos. Ocorre, porém, que a situação particular de crise em que se vê inserida a personagem (traída conjugalmente pelo esposo e, ainda, por ter sido enganada a respeito de suas intenções para com a irmã) contribui para uma profunda inversão da escala de valores, ou seja, para a atribuição à *pietas* de um caráter de monstrosidade. Vemo-nos aqui, por esse motivo, diante de um paradoxo.

Passando ao breve comentário dos aspectos visíveis na passagem em Chrétien de Troyes, notamos a manutenção de alguns dos mesmos traços compositivos discriminados na análise do discurso anterior:³⁶ com efeito, as rimas e as repetições de palavras conferem ao todo uma conformação sonora e de sentidos peculiar. Por outro lado, conservando-se, apesar de já inspirada pelo demônio para o mal, aquém dos limites da ferocidade plena, Procne articula com bastante comedimento seu discurso: notem-se a esse respeito especialmente os empregos conjuncionais assinalados no texto, através dos quais a personagem pode dar vazão a uma fala comprometida com a razoável concatenação de raciocínios. Além disso, o fato de que aqui, como na fala anteriormente comentada, Procne dirija o discurso para ouvintes externos (neste caso, a Ítis) faz com que se perca algo do caráter de seu total envolvimento com a tragédia, tal como manifesto em Ovídio: naquele poeta, a ira entranhada na personagem chegava a ponto de permitir o próprio monologar interior, ou seja, havia a chance de divisarmos o desespero sob formas mais variadas de manifestação.

Como a derradeira passagem de análise, passemos em seguida a considerar o desfecho do episódio, ou seja, os momentos em que se age contra Ítis para levar a termo a vingança:

***Nec mora, traxit, Ityn, ueluti Gangetica ceruae
lactentemque fetum per siluas tigris opacas;
utque domus altae partem tenuere remotam,
tendentemque manus et iam sua fata uidentem
et "mater, mater" clamantem et colla petentem*** 640
***ense ferit Progne, lateri qua pectus adhaeret,
nec uultum uertit; satis illi ad fata uel unum
uulnus erat, iugulum ferro Philomela resoluit;
uiuaque adhuc animaeque aliquid retinentia membra
dilatant: pars inde cauis exultat aenis,*** 645
pars ueribus stridunt; manant penetralia tabo.³⁷

³⁶ Ou seja, sobretudo a recorrência marcada às repetições de todo tipo e o maior "comedimento" emocional de Procne na versão medieval.

³⁷ Cf. Ovide. *Les Métamorphoses*. Texte ét. et trad. par G. Lafaye. Paris: "Les Belles Lettres", 1955. Tome II.

“Arrastou Ítis sem demora, como a tigresa do Ganges o filhote lactente da corça pelas matas escuras, e quando alcançaram uma parte remota da casa profunda, Procne fere com uma espada sem virar o rosto o que estende as mãos, já compreende seu destino, chama ‘mãe, mãe’ e busca-lhe o colo, onde o peito se junta ao flanco; uma só ferida era o bastante para seu fim, mas Filomela cortou-lhe o colo com ferro; dilaceram os membros ainda vivos e mantendo algo do espírito: parte deles salta para fundos caldeirões de bronze, estalam parte em espetos; as entranhas manam sangue”.

*Si con la tenoit acolee
Li petiz anfes par chierté
Par **deable** et par fierté, 1330
Que **deables** li amoneste,
A l'enfant copee a la teste,
Si l'a Philomena bailliee,
Puis ont la char apareilliee
Antr'eles deus mout bien et tost. 1335
Partie an mirent **cuire an rost**
Et an esseu l'autre **partie.**
Quant la char fu **cuite et rostie,**
Si fu de mangier tans et ore.*

“Tandis que le petit enfant
la tenait affectueusement embrassée,
par la malignité et la barbarie
auxquelles le diable l'incite,
elle lui a coupé la tête.
Elle l'a donnée à Philomèle,
Puis toutes deux bien vite
ont apprêté le corps.
Elles en ont fait rôtir une partie
Et bouillir l'autre.
Quand la chair fut cuite et rôtie,
L'heure était venue de manger”.³⁸

Em Ovídio, poeta, como dissemos, frequentemente ligado à viva expressão visual,³⁹ a passagem em questão assume os contornos de uma

³⁸ Chrétien de Troyes. *Romans*. Édition de C. de Boer, traduction d'Olivier Collet. Paris: La Pochothèque, 1994.

³⁹ Literariamente formado sob influência da retórica (cf. Grimal, Pierre. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994, p. 335), Ovídio soube servir-se de suas técnicas com equilíbrio, isto é, sem esvaziar-se em formalismos vãos e no excesso. Nesse sentido, uma cena como aquela breve e incisivamente criada para o esquiteamento de Ítis parece-nos remeter o leitor, bem como a da agonia e morte de Narciso nas mesmas *Metamorfoses* (III 407-510), a algo do emprego dosado (e muito produtivo) da *ekphrasis* (técnica descritiva acurada) antiga.

pintura macabra: referências como aquelas à espada e ao ponto do ferimento (v. 641), ao fato de que Procne não desvia o rosto ao matar (v. 642), à subsequente decapitação do menino por Filomela (v. 643), aos membros “(semi)vivos” (v. 644), aos caldeirões profundos (v. 645), aos espetos (v. 646) e, por fim, à saída do sangue enegrecido do cadáver (v. 646), integram, dessa maneira, um impressionante panorama do horror evocado por tais circunstâncias.

Além disso, não se pode deixar de notar a riqueza dos recursos⁴⁰ habilmente mobilizados aqui para a obtenção do patético: em 636-637, tem-se um símile, favorecedor da identificação de Procne enraivecida com o plano da selvageria. Em 638-640, além das aliterações nasais (“m” e “n”), Ovídio reforça o desespero da criança ao perceber seu destino pelo uso de quatro participípios presentes referentes a ela (*tendentem, uidentem, clamantem, petentem*), três dos quais são introduzidos por *et* como membros de um *tricolon*; por fim, a interpelação direta à mãe (v. 640) constituir-se-ia, talvez, no auge desse efeito.

Quanto aos versos correspondentes na versão medieval do mito, é importante ressaltar a maior concisão expressiva: a rigor, dedica-se apenas um verso (1332) à apresentação do gesto de matar Ítis, em contraste com os três versos de Ovídio (641-643). Também desaparecem aqui a participação de Filomela no ato (já que Procne é quem o degola), a referência anatômica ao local do ferimento e a menção macabra aos utensílios de cozinha e ao estado final do cadáver.

Também se deve notar, além das reiteraões verbais assinaladas em 1330/ 1331, 1336/ 1337 e 1336/ 1338, que o verso de número 1332 (*a l'enfant copee a la teste*) retoma, ao menos no plano aproximativo dos conteúdos, os versos 1309 (*et por ce te vuel descoler*) e 1324 (*il avra la teste tranchiee*), o que significa a dupla menção ao modo do suplício antes de sua realização.

Por fim, em conformidade com o tom geral de toda a passagem aqui analisada, não se tem propriamente nesses versos de Chrétien a presença do patético: os versos prosseguem sem recursos favorecedores da excessiva ênfase emotiva, pouco a pouco revelando a sucessão dos eventos sem deter-se em muitos pormenores...

Contando inclusive com a colaboração das transcrições textuais (uma vez que a leitura comparada de quaisquer obras afins é sempre por si mesma instrutiva), buscou-se, então, oferecer alguns instrumentos para que se compreenda o significado das relações entre ambos os poetas mencionados: nesse ponto, parece-nos, notar-lhes a recíproca independência criativa corresponde ao essencial.

⁴⁰ Cf. explicação no decorrer deste mesmo parágrafo.

TREVIZAM, Matheus. COMPARATIVE COMMENTARY OF *PHILOMELA* 605-645 AND *PHILOMENA* 1285-1339

Abstract: *In this work, we propose a common analysis of Philomena's text, as it was composed in the twelfth century by the medieval French poet Chrétien de Troyes, and of the passage which corresponds to the same mythic episode in Ovid's Metamorphoses (VI 605-646). This way, we have first considered the presence, the order of appearance, the kind and the distribution of narrative parts inside both versions for, after that, the proposition of diagrams which describe plot weaving and, finally, the comparison of style, or the means of linguistic accomplishment. In spite of the fact that the medieval version can be defined as a "translation" of the Latin one, some divergences in points like narrative-structure and style attribute strong creative autonomy to each poet. So widely as possible, we have tried, intending to make texts "speak", to limit our analysis to direct reading procedures, without a strong recurrence to the words of several scholars.*

Keywords: *narrative-structure; style; creative translation; Philomela; Philomena.*

Referências

ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. *A Poética Clássica*. Introd. de R. O. Brandão, trad. de J. Bruna. São Paulo: Cultrix, 1985.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2005.

CHRÉTIEN DE TROYES. *Romans*. Édition de C. de Boer, traduction d'Olivier Collet. Paris: La Pochothèque, 1994.

GRIMAL, Pierre. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.

OVIDE. *Les Métamorphoses*. Texte ét. et trad. par G. Lafaye. Paris: "Les Belles Lettres", 1955. Tome II.

RAVIZZA, João. *Gramática latina*. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1956.

SAULNIER, V.-L. *La littérature française du moyen âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

SÊNECA. *Cartas consolatórias*. Trad. de Cleonice F. M. van Raij. Campinas: Pontes, 1992.

ZINK, Michel. *La littérature française du moyen âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.